

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Sessão Especial Queer Lisboa

22 de Setembro de 2020

LA RACE D'EP / 1979

um filme de Lionel Soukaz e Guy Hocquenghem

Realização e Argumento: Lionel Soukaz e Guy Hocquenghem / **Fotografia:** Jèrôme de Missolz, Lionel Soukaz / **Montagem:** Lionel Soukaz / **Som:** Jean-Michel Dupuis / **Interpretação:** Elizar Van Effenterre (Barão Von Gloeden), Pierre Hahn (Magnus Hirschfeld), Piotr Stanislas (americano, SS), Gilles Sandier, Pierre Stone (clientes), Jean Demélier, Yves Jacquemard, Jean-Michel Sénécal (Assistantentes de Hirschfeld), Claire Amiard (secretária), Betty (transsexual), Adeline André (secretária), Michel Journiac, Hunks Clements.

Produção: Lionel Soukaz para Little Sisters Production / **Cópia:** do CNC, em 35mm, cor, legendada electronicamente em português / **Duração:** 84 minutos / **Primeira apresentação pública:** 24 de Outubro de 1979, França / Primeira exibição na Cinemateca.

sessão com apresentação

Em 1979 Guy Hocquenghem associa-se a Lionel Soukaz e ambos realizam **La Race d'Ep**, um filme estruturado em quatro partes que oscilam entre o documento e a ficção, muito influenciado pelos estudos de Michel Foucault sobre a sexualidade (que com outros intelectuais de então se insurgiu contra a censura deste filme) e pela cultura homossexual da época. Embora seja hoje um termo em desuso, “Race d’ep”, enquanto jogo de palavras invertidas, significa “pederasta”, desenhando o filme uma reconstituição muito livre de uma “história da homossexualidade” ao longo do século XX.

Começando no início do século com os nus fotográficos do Barão Wilhelm Von Gloeden, alemão radicado na Sicília; passando pela afirmação de uma cultura homossexual entre as duas guerras na Alemanha e as investigações de Hirschfeld sobre o “3ª sexo”, antecipando-se o posterior extermínio dos homossexuais nos campos de concentração nazis; as duas últimas partes de **La Race d'Ep** culminam na contracultura dos anos sessenta – “o tempo das minorias felizes” e do “paraíso psicadélico” – e numa história de engate nos cafés e ruas de Paris na viragem para os anos oitenta. Capítulos cuja descrição anuncia em si mesma a heterogeneidade do filme.

Na altura em que realiza **La Race d'Ep** Lionel Soukaz era conhecido como um dos cineastas franceses mais activos da “causa homossexual”. Embora houvesse sobretudo realizado até então um conjunto de filmes em Super8 com uma componente diarística

muito forte destinados necessariamente a um público mais reduzido e marginal, teve um papel importante na dinamização de vários festivais de cinema homossexual. Guy Hocquenghem (1946-1988), por seu lado, era jornalista no *Libération* e escritor, tendo já publicado um romance co-assinado por Jean-Louis Bory intitulado “Comment nous appelez-vous déjà”. Livro que narrava a passagem de um turista americano pela noite homossexual parisiense, que, como os seus autores, participava de uma cultura crítica ao movimento homossexual que procurava fazer o seu enquadramento teórico, reflectindo sobre as dinâmicas do desejo associadas a uma cultura gay na sua relação com a própria sociedade capitalista.

Curiosamente, o próprio Guy Hocquenghem interpreta em **La Race d'Ep** o papel do homem mais velho que procura seduzir o turista americano no bar “Royal Opéra”, no último capítulo do filme. Numa entrevista à revista *CinémaAction* datada de 1981 Hocquenghem dá-nos mais pistas sobre alguns dos propósitos concretos do filme ao descrever o medo de envelhecer que anima a sua personagem: “o medo de ‘envelhecer mal’ é efectivamente um tema lancinante numa cultura fundada sobre a standardização corporal.” Um medo representado num filme que, como ele próprio confessa, é motivado pelo duplo desejo “de informação e de expressão” num contexto em que o cinema “apenas dava uma imagem extremamente estereotipada, parcial e hostil da homossexualidade”.

Tudo de joga num filme bastante complexo que procura apresentar elementos históricos ao mesmo tempo que erotiza a narrativa, e em que ao jogo de palavras do título corresponde o carácter lúdico de um jogo de imagens e uma oscilação permanente entre uma dimensão individual e uma dimensão mais colectiva. Há várias vezes que nos guiam por entre uma profusão de imagens mais ou menos heteróclitas consoante as partes do filme e, se numas sobressai o desejo de ficção, noutras sobressai uma vertente mais documental, mas em todas elas está presente um registo de paródia que prevalece sobre a exactidão da reconstituição, o que confere uma riqueza única a **La Race d'Ep**. Tal é sobretudo evidente no primeiro capítulo dedicado aos “Anos da pose”, perdendo-se em grande parte do último, o capítulo mais assumidamente ficcional e, quanto a nós, o menos conseguido, não resistindo de todo à comparação com a vitalidade e a irreverência do primeiro.

Como tão bem assinalou o crítico Louis Skorecki num artigo dos *Cahiers du cinéma*, trata-se simultaneamente de uma “História da homossexualidade e da homossexualidade em histórias” que assenta precisamente numa “confusão de géneros” em que é difícil fazer a abstracção. Uma confusão que, como ele avança ainda, o “desejo [enunciado] designa e salva”.

Joana Ascensão